

O esforço de muito analisar

Manuel Ferreira fala da literatura nossa

A reunião preparatória para o I Congresso dos Escritores de Língua Portuguesa, foi a ocasião e a oportunidade para Teresa de Sá Nogueira poder conversar, em Maputo, com um dos mais dedicados estudiosos das literaturas africanas em língua lusa.

Um balanço do seu trabalho de muitos anos, algumas opiniões polémicas, alguma temática, na (im) pertinência que a ela se quer dar, como seja a de saber-se quem é quem, e como vai de cidadania, na república das letras, são pontos sobre os quais discorre este cabo-verdiano (?) português escritor.

«A poesia tem uma função social: deve estimular no leitor o desejo de participar nos destinos da história do seu próprio país» — afirma o escritor português Manuel Ferreira, que recentemente passou uma semana entre nós.

Setembro foi um mês que trouxe até nós alguns escritores bem conhecidos: a nossa Noémia de Sousa, o angolano Luandino Vieira, o português Manuel Ferreira. Dizer que Manuel Ferreira é português não chega.

Na verdade, Manuel Ferreira, sendo português, é também considerado como escritor cabo-verdiano.

Cabo-verdiano pela sua obra, pela sua vivência, pelo seu amor. Amor não só a sua mulher, cabo-verdiana de nascimento, mas àquela terra. Porque amar uma terra é a única maneira de a fazer nossa. O que nem sempre é fácil.

Pergunta — *Ser português e sentir-se ao mesmo tempo cabo-verdiano não lhe traz uma certa angústia?*

Resposta — «Às vezes, sim, penso que traz. Mas esta situação ambígua agrada-me. No fundo eu desejava ser escritor português e ser também escritor cabo-verdiano. Penso que sou escritor cabo-verdiano, não abdicoo de ser escritor cabo-verdiano. Penso que sim, que sou. Pela natureza dos meus livros, quer do ponto de vista estético, quer linguístico, quer temático. Penso que a minha obra é fundamentalmente cabo-verdiana. No entanto admito que as pessoas o possam pôr em causa, fundamentalmente nesta altura em que há revisão de conceitos, mudança de situação de colonialismo para países livres. Admito que um ou outro o possa pôr em dúvida, em causa.

Mas nos colóquios que tenho tido, aqui, tenho-me referido a problemas de estética de recepção, que é uma coisa relativamente nova, destes últimos anos, que de certa maneira ajudará no contexto africano a dar paternidade nacional a determinados escritores, como é o meu caso. O que é, no fundo, independentemente de não ter nascido em Cabo Verde, mas de ter lá vivido muitos anos,

de ter uma vida quase dedicada exclusivamente a Cabo Verde. Do ponto de vista literário, a verdade é que nasci lá.

E os meus livros são lidos em Cabo Verde, são tão lidos ou talvez mais do que os de alguns escritores cabo-verdianos. Portanto, há recepção do livro. O leitor cabo-verdiano reencontra-se com os meus livros. Então parece que estão a ajudar a fomentar a minha natureza bi-nacional, penso eu».

Pergunta — *Não é o mesmo caso do escritor Castro Soromenho?*

Resposta — «Exactamente. Ele vai ficar também como escritor português e como escritor angolano. Naturalmente não vai conseguir ser um escritor moçambicano, apesar de ter nascido cá e de você mesma ter escrito um artigo acerca dele, a esse respeito. (1)

Mas não se sabe, pode haver um escritor atrevido que amanhã pense: não, ele nasceu cá. Pois nasceu. Essas coisas não estão perfeitamente definidas. Mas a estética da recepção, ao longo do tempo, é importante, na medida em que o leitor se encontra e se revê nesses textos. Por isso, não sei. Angústia, quando sou posto em causa, ou se vier a ser posto em causa. De resto este vaivém de estar num lado e noutra dá-me um grande prazer. Dá-me porque primeiro, sou fundamentalmente português, segundo porque sou visceralmente cabo-verdiano».

CALIBAN III

Manuel Ferreira acaba de publicar um novo livro da Série Caliban, o terceiro. Tal como os anteriores, é uma antologia de poemas dedicados a um país. Desta vez, Moçambique.

Pergunta — *Que reflexão faria sobre esta sua obra?*

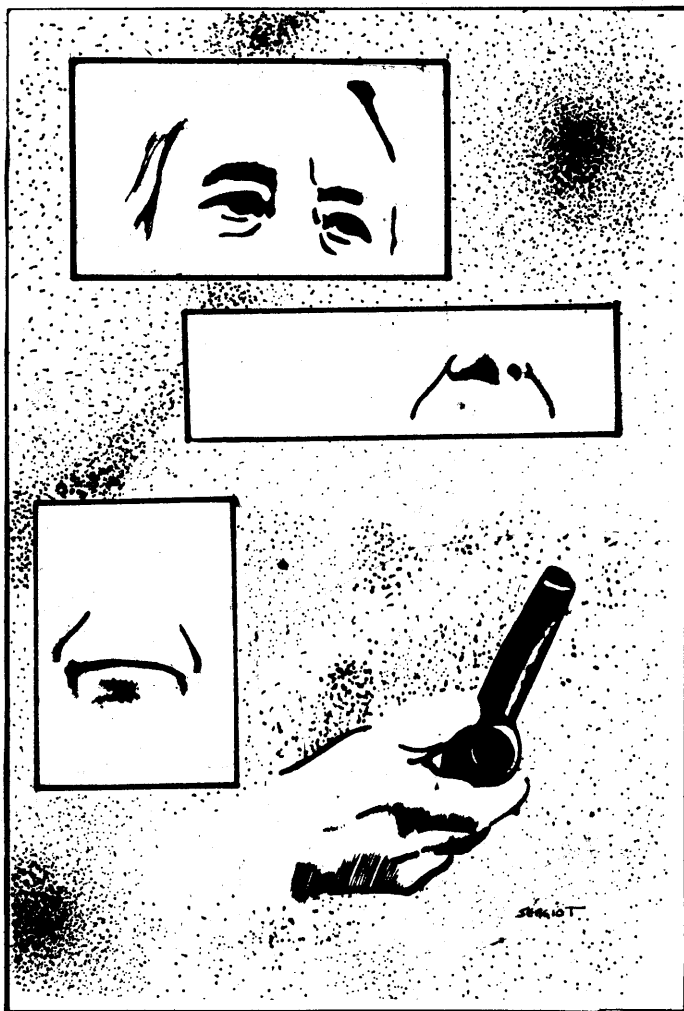
Resposta — «Existe o Caliban I, dedicado a Cabo Verde e Guiné, o Caliban II a Angola e este III, exclusivamente dedicado a Moçambique e que vem sendo feito desde 1968.

Sabe, quando um escritor publica um livro, está sempre convencido de que fez uma coisa importante, com um mínimo de interesse. Senão, não o publicaria. Mas tenho a impressão de que é uma obra quase pioneira nascida ao longo dos anos e que vai ajudar a revelar a existência de uma poesia.

Veja que a poesia cabo-verdiana é hoje conhecida dos estudiosos das Universidades, no estrangeiro e também na sua própria terra. Com a angolana acontece a mesma coisa. Mas já não acontece o mesmo em relação à poesia moçambicana. Os próprios moçambicanos não a conhecem, porque alguns saíram, porque os livros estão esgotados, etc. Por várias razões, não tem sido possível

a divulgação da poesia moçambicana, daí o seu conhecimento ser relativamente precário, a não ser para meia dúzia de especialistas ou investigadores mais aturados. Então, se isso se passa em Moçambique, lá fora ela é ainda mais desconhecida.

Penso que o Caliban III, que é uma obra de 1200 páginas, que é o produto de uma investigação de 12 a 15 anos, pois que não me servi só de obras recentes, mas de obras antigas, de páginas literárias, revistas, etc., penso que vai ajudar nessa divulgação».



POETAS MOÇAMBICANOS

Reunir poesia moçambicana num volume de 1200 páginas traz um problema muito difícil para o qual tem havido várias respostas: saber o que é poesia moçambicana e quem é poeta moçambicano.

Antes de 1975 Moçambique não existia como país independente. Por lei era território português, povoado por portugueses. Assim sendo, quem são os poetas moçambicanos?

Se isso não suscita dúvidas no caso de um Marcelino dos Santos ou de uma Noémia de Sousa, já se torna menos claro no de um Rui Knopfli ou um Virgílio de Lemos, por exemplo. Terem partido torna-os menos poetas moçambicanos? Aliás, Noémia partiu e ficou. Quase ninguém o contesta.

Resposta — «O problema que você me põe é um problema de grande acuidade relativamente às literaturas

africanas. Neste caso e concretamente, à de Moçambique. No Caliban III tive muitas dificuldades quanto à escolha. Hesitei muito, estudei a problemática, as noções, os critérios que existem e nos definem a paternidade nacional. Depois tenho o meu critério, que foi o seguinte: aqueles que são moçambicanos, os que nasceram em Moçambique e cá morreram ou ainda cá estão, desses não tenho dúvidas nenhuma, independentemente da natureza estética ou temática da sua poesia. As dúvidas quanto a Rui de Noronha, por exemplo, não têm nenhuma razão de ser. Inclusivamente eu incluí um homem do séc. XIX, Campos de Oliveira, um poeta cuja referência já tínhamos, a citação de seu nome numa bibliografia de Ilídio Rocha. Mas antes disso já no século XIX o historiador Inocêncio Silva o tinha registado, dizendo que era o primeiro poeta moçambicano, mas que não havia obras publicadas e os seus dados bibliográficos eram muito escassos».

O PRIMEIRO POETA

«Aí então comecei a estar na pista — continua Manuel Ferreira — e resolvi fazer uma investigação a sério, até porque o nome dele já tinha sido registado pelo professor universitário americano Gerald Moser.

Entretanto soubemos da existência de 2 ou 3 poemas. Investiguei na imprensa do século XIX, na parte goesa, porque ele era um moçambicano misto e consegui encontrar uns 30 poemas, na Biblioteca Nacional de Portugal.

Campos de Oliveira é um poeta romântico, influenciado profundamente pela poesia e pela estética portuguesa na sua temática, como era próprio da época. Confirmei que, de facto, nasceu na Ilha de Moçambique e aprendi muitas coisas sobre a sua vida em Goa, onde fundou dois almanaques. Mais tarde regressou para a Ilha de Moçambique e fundou a «Revista Africana», foi seu director e colaborador, tem lá poemas. Portanto esse homem, independentemente da sua temática, é um homem moçambicano. Quer dizer, com esta investigação, que me levou 2 anos e me deu um prazer enorme, descobri dele um livro publicado em Portugal e se chama «O Mancebo Trovador».

Assim o nascimento da poesia moçambicana recua para o século XIX. Recua para 1864, que é a data da publicação do seu primeiro poema. Nesse aspecto fica em paridade com o nascimento de outras literaturas africanas, que eram todas do século XIX, excepto a da Guiné-Bissau. Readquire então essa longevidade».

OS QUE SAÍRAM

Manuel Ferreira inspira fundo.

«Agora quanto aos que saíram ... os muito novos, os que vieram com 2 ou 3 anos e aqui não exerceram actividade significativa, acho que não, não os incluí como moçambicanos. Já não fiz o mesmo em relação aos outros que você citou há pouco, como Rui Knopfli e Virgílio de Lemos.

Noémia não preciso afirmá-la como moçambicana, nunca esteve em causa sê-lo. A importância de Noémia é tão grande, tão fundamental para a face moderna da literatura moçambicana que não há nenhum historiador da literatura sério, honesto, minimamente informado, que

a possa pôr em causa. É um absurdo fazê-lo! Se neste século Rui de Noronha começou, o poeta que arranca definitivamente para a construção de uma poesia de características profundamente moçambicanas é ela.

Noémia é uma figura muito importante, não só na história da poesia moçambicana, mas de toda a literatura.

O Rui Knopfli também ficou como poeta moçambicano, aliás porque grande parte da sua poesia é realmente poesia moçambicana. Ele estava muito preso aos valores moçambicanos, aos aspectos sociológicos, sociais, etc. Depois, enquanto aqui esteve, publicou também 5 livros, alguns deles foram mesmo cá impressos. Fez parte da cidade, trabalhou na imprensa, organizou suplementos literários... é um homem que deixou indelevelmente ligado o seu nome e a sua acção a um período de mais de 20 anos de actividade na literatura moçambicana.

Não é possível retirá-lo».

OS QUE DISCORDAM

«Quanto a Virgílio de Lemos, a mesma coisa. Saiu mais cedo, não interessam as razões porquê, não interessam à literatura. Até aí esteve muito ligado ao «Msaho», teve muitos problemas no «Brado Africano» e noutras publicações, o seu livro «Tempo» presente foi publicado aqui. A partir de um determinado poema foi preso pela PIDE, foi julgado, etc. É impossível tirá-lo. Pode-se gostar ou não, pode-se estar com ele ou não estar com ele, isso depende de cada um. Mas um historiador sério, com a noção de sua responsabilidade, não o pode tirar de uma antologia moçambicana.

Aliás pode-se tirar Noémia, Virgílio, muita gente, toda a gente. Mas isso é por razões extra-literárias. Esteticamente é impossível. Ficaria mal com a minha própria consciência se o fizesse.

Agora aqueles que vieram para cá com 15, 20, 30 anos, que foram pessoas interessantes, respeitadas, notáveis mesmo, que fizeram poesia até com valor estético idêntico a outra que aceitamos, mas que regressaram a Portugal, que não suportaram uma série de coisas, que entenderam que a sua vida deveria ser continuada em Portugal, esses, a contragosto, retirei-os. A contragosto porque foram pessoas que também deram uma ampla contribuição. E acredito que numa história de literatura ampla, ou especial, eles vão continuar a figurar, têm de ser referidos, porque colaboraram. É o caso de Glória de St'Ana, que é um paradigma, com mais de 5 ou 6 nomes de poetas que também retirei. Retirei, sobretudo, porque penso que vão deixar de ter recepção aqui. Se isso não acontecer, óptimo, ficarei feliz. Mas senti que o critério era esse».

(IN) DEFINIÇÃO DE POESIA

Moçambique é um país onde sobram poetas e faltam prosadores. Não existem textos de teatro, de ensaio, de crítica, poucos contos aparecem, romances, quase nenhuns.

Poemas, chegam-nos às toneladas. Nunca foi explicado porquê.

Pergunta — *E o que é poesia, afinal?*

Resposta — «Quer saber o que é poesia?» — Manuel Ferreira mastiga a pergunta com vagar, como que a saboreá-la — «Faz perguntas difíceis!... Bom, escritor é quem escreve, romancista faz romances, poeta faz poe-

sia. Mas desde a antiguidade clássica que se procura a sua definição, sem ninguém a conseguir encontrar. Os historiadores literários, os grandes escritores têm tentado definir poesia e não o conseguem. Sei lá, pode-se dizer que é uma forma de expressão literária, a arte de conseguir provocar no leitor uma determinada emoção. Qualquer coisa pode ser objecto de um poema, seja o que for. Mas um poema não é exactamente uma página de romance, tem regras fixas. Pode-se dizer que uma criação literária sujeita a regras próprias, de rima ou de métrica. E nem é, porque pode haver verso livre, poesia livre, em que o poeta se sinta menos espartilhado.

Mas quer no soneto clássico, quer na poesia livre, a poesia tem regras. Mas está sobretudo na emoção que o autor consegue imprimir ao texto. De resto e como disse, qualquer coisa se pode meter na poesia. Tudo na vida Depende é do poeta».

PAPEL DO INTELECTUAL

Se a definição de poesia o deixa um pouco embaraçado — até porque não há nenhuma que seja aceitável — Manuel Ferreira tem ideias muito claras acerca do papel do intelectual face à sociedade em que se insere.

Como poeta militante, como escritor profundamente empenhado nos problemas do seu povo e da sua geração, com provas dadas num tempo em que escrever era ofício de muito risco, ele afirma:

«Penso que um intelectual deve ser um homem atento, consciente do seu tempo e da sua época, ter determinada visão do mundo. E essa responsabilidade torna-se maior quando o poeta vive num país em formação. Porque quando um país já está formado, em sossego, em paz, num país em que os maiores problemas já estejam resolvidos, em que haja liberdade... então o poeta pode-se libertar, pode-se dar ao luxo de ser um sonhador, de fazer devaneios. Mas parece-me — e isto sem tirar o direito a que um poeta, seja em que circunstância for, sempre possa ser um sonhador — parece-me que ele, num país em formação, tem que fazer a sua afirmação nacional. Num país que sai do colonialismo, tem que desenvolver a sua identidade cultural, tem que ajudar a construir essa sua nova pátria. A sociedade precisa de ser devidamente fertilizada para que todos possam ter uma casa, uma refeição regular, vestir, calçar, ter escolas, hospitais, estradas. Quando o país se encontra nessa situação parece-me desajustado que o poeta, enquanto poeta, se alheie dessa situação e não injecte essa problemática na sua própria poesia.

Acho que a poesia tem uma função social. Além do prazer estético, deverá ser sobretudo uma forma de conhecimento, de revelação. Deve estimular no indivíduo o desejo de se integrar no interior dessa sociedade a que pertence, de participar nos destinos da história do seu país».

AOS JOVENS DA «CHARRUA»

Como mensagem de despedida, Manuel Ferreira recorda os jovens que encontrou na Associação dos Escritores. E a eles se dirige:

«Do ponto de vista cultural, impressionou-me muito, desta vez, aquilo que já tinha pressentido na vez anterior, aqui: o nascimento de uma actividade muito séria.

Encontrei pessoas que estão ligadas à Charrua. Parece que desempenham um papel muito importante e alguns poderão mesmo vir a tornar-se escritores, grandes escritores. Oxalá não se percam pelo caminho. Porque acho que está estabelecida a ponte, está entregue o testemunho da geração dos anos 50 a estes jovens. Se entretanto os responsáveis lhes puderem dar o apoio que eles necessitam e que é fundamental, para que mais tarde possam devolver à Nação aquilo que a sociedade agora lhes dá. Fiquei muito impressionado com as coisas que vi aqui, a Escola de Jornalismo, a Associação dos Escritores, este curso de literatura moçambicana onde comparece tanta gente que trabalha, e sobretudo o trabalho destes jovens. E também este sossego, esta paz, esta cidade linda, melhor do que há quatro anos, estes jardins, esta vontade

de construir. Esta gente. Vê-se que aqui há pessoas realmente empenhadas, e isso apesar das dificuldades do dia-a-dia. Estes jovens que estão a fazer um trabalho importante, um trabalho necessário. Continuo a referir-me aos jovens da Charrua. Espero que sejam suficientemente humildes. Este caminhar de escritor é duro, é lento. É preciso cavar todos os dias, é preciso estar-se consciente das tremendas dificuldades que a arte literária exige, que a própria sociedade exige ao escritor. É muito importante ser-se humilde».

Teresa de Sá Nogueira

1 — *C. Soromenho nasceu a 31/1/1910 na Vila de Chinde, na Zambézia e morreu a 18/7/68 em S. Paulo, Brasil, onde estava exilado.*